



A Concepção Materialista da História do Cinema

Nildo Viana

Prefácio

Repensando a história do cinema

As produções bibliográficas e as análises no campo da historiografia cinematográfica de maneira geral apresentam inúmeras contradições, superficialidades e incoerências. As inúmeras obras específicas sobre o cinema apresentam problemas conceituais e teórico-metodológicos e por isso não abarcam a realidade concreta, pois muitas vezes as análises são descontextualizadas, sendo alheias ao momento histórico e realidade social. Estas análises simplistas partem de uma visão de mundo limitada, pois procuram analisar a realidade social de forma fragmentada.

No interior do campo de estudo das Ciências Humanas, existe uma limitação conservadora que dá pouca importância à contribuição histórico-social das imagens. Este fato explica-se pelo pouco avanço das análises críticas e pelo limitado e inadequado tratamento metodológico no campo cinematográfico. Em outras palavras, as diversas obras bibliográficas que se dedicaram a estudar o cinema não procuraram romper com o superficialismo, com a linguagem técnica, com a análise anacrônica e a-histórica. Nesse sentido, o cinema foi, em muitos momentos, compreendido como uma criação artística individual tal como defenderam diversos cineastas da historiografia cinematográfica, ou da chamada política dos autores, dentre eles, Truffaut, Chabron, Godard.

Mas como analisar o cinema? Como romper com o tratamento superficial e limitado? De que forma a concepção materialista da história possibilita a superação da historiografia ideológica cinematográfica desvinculada da realidade social? Qual é o papel da crítica social com relação à historiografia cinematográfica tradicional?

Estas e outras questões instigantes de extrema relevância são fatores que inquietarão o leitor no decorrer deste livro. Este não é um livro qualquer, é uma obra diferenciada, pois a perspectiva analítica do autor procura romper e ir além das limitações existentes na historiografia tradicional.

A abordagem marxista do cinema é o ponto de partida do autor. Nildo Viana utiliza o materialismo histórico para analisar a realidade social de forma totalizante e não de forma fragmentária comumente utilizada na historiografia tradicional. Uma questão de extrema relevância nesta obra é a perspectiva crítica do autor com relação à influência da concepção marxista-leninista em inúmeras teses sobre a

obra de arte. Os pseudomarxistas partiram da teoria do reflexo de Lênin para conceberem as suas ideologias cinematográficas, tal como é o caso, por exemplo, de diversos cineastas russos: Eisenstein, Vertov, dentre outros.

Para o autor, “as ideologias cinematográficas nascem com a própria origem do cinema”. Uma vez que o cinema se desenvolve tecnologicamente, emerge do seu interior diversas teses tecnicistas, metódicas e formalistas, que são produzidas pelos agentes envolvidos no processo da produção cinematográfica.

Mas quem são estes agentes que elaboram o discurso ideológico “competente” da análise cinematográfica? Para Nildo Viana, “são os agentes envolvidos no processo de produção e reprodução de determinada forma artística, que criam o valor da obra de arte...”. Além do discurso competente materializado na linguagem tecnicista e elitista, os ideólogos do cinema se autointitulam como pseudointelectuais pertencentes a um universo intelectual restrito e seletivo para poucos membros que dominam a linguagem técnica e teórica da cinematografia. Nesse sentido, os ideólogos partem de uma linguagem elitista, egoística, reforçando e criando uma separação preconceituosa entre aqueles que são os detentores do conhecimento cinematográfico e os “ignorantes” não entendidos.

A questão do fetichismo no cinema é abordada de forma inovadora nesta obra. A perspectiva crítica do autor visa desmistificar e apontar as limitações teórico-metodológicas da ideologia fetichista criada em torno da produção cinematográfica pelos ideólogos conservadores da historiografia cinematográfica tradicional. O fetichismo tem diversas consequências, dentre elas a idolatria criada em torno da produção cinematográfica, que coloca o cinema num patamar elevado e grandioso, bem como a reprodução dos valores dominantes produzidos pelos agentes de produção. Ambos aspectos são analisados de forma coerente nesta obra.

Uma produção fílmica é uma produção social e coletiva, portanto, esta produção não está dissociada das relações sociais. O filme reproduz valores e ideologemas que atingirão de forma direta ou indireta o público que o assiste. Já que a produção fílmica é uma produção coletiva, ela é marcada pela luta de classes, pelos antagonismos divergentes no momento da produção do filme, pois os agentes que o produzem possuem perspectivas ideológicas diferenciadas.

Viana é enfático na sua crítica com relação ao fetichismo do cinema, pois, para ele, “o filme é uma produção social”, “nada tem de sublime e os produtores nada têm de genial, são seres humanos comuns...”. As diferenças entre as produções fílmicas consistem no capital cultural cumulativo de um diretor para outro, pois alguns cineastas, além de possuírem o capital cultural acumulado devido à sua condição de vida, possuem o capital cinematográfico que possibilita uma produção fílmica mais estruturada que outras.

As questões do fetichismo no cinema e do capital cinematográfico estão diretamente relacionadas à perspectiva marxista enfatizada pelo autor no decorrer da obra. A preocupação de Viana não é fazer um revisionismo teórico-crítico simplista da historiografia cinematográfica. Esta obra vai além, pois aponta os limites dos pseudomarxistas indo ao cerne do problema que muitas vezes está relacionado à mera descritividade, a linguagem técnica e superficial das produções cinematográficas. O materialismo histórico é um recurso metodológico fundamental para a compreensão aprofundada da história social do cinema; sendo assim, ele possibilita um rompimento com o fetichismo, com a ideologia cinematográfica criada pelos seus agentes de produção. A ideologia cinematográfica é perpassada por um

conjunto de valores, construídos socialmente pelos ideólogos desde o momento em que o cinema foi criado.

O materialismo histórico procura compreender o cinema a partir das relações sociais em que ele foi produzido, pois o cinema é constituído socialmente. Nesse sentido, a perspectiva marxista vai além das concepções fragmentárias que procuram isolar o cinema da realidade social e histórica.

A aplicabilidade da análise marxista é realizada pelo autor ao retratar o significado original do expressionismo alemão. Neste livro, Viana demonstra as deformações, as incoerências e o tratamento equivocado dos ideólogos que abordaram o expressionismo, dentre eles, Kracauer (1988), Eisner (2002), entre outros. A abordagem de Viana sobre este período específico do expressionismo alemão é inovadora, pois ele situa este período contextualizando-o num momento histórico-social marcado pela ascensão das lutas operárias na Alemanha. Esta obra possui uma escrita clara direcionada não apenas a um público específico elitista e intelectualizado, uma vez que é justamente este fetichismo ideológico que o autor procura superar.

O presente livro é um marco no que diz respeito à abordagem marxista da história do cinema, pois possui diversas concepções inovadoras que ainda não haviam sido desenvolvidas dentro da historiografia cinematográfica. A riqueza da escrita e do tratamento teórico-metodológico desenvolvido pelo autor é um convite para todos aqueles que desejam aprofundar o seu conhecimento no campo da historiografia cinematográfica a partir de uma perspectiva crítica marxista revolucionária. A concepção marxista compreende a produção fílmica como uma criação coletiva desenvolvida no conjunto das relações sociais e neste sentido esta obra propicia uma compreensão aprofundada e pioneira no que se refere ao tratamento metodológico adequado para a análise da produção cinematográfica.

Jean Isidio dos Santos

R\$ 27,00

[adquirir este livro](#)

Nildo Viana, é bacharel em Ciências Sociais (UFG), especialista (UCB) e mestre em Filosofia (UFG), mestre e doutor em Sociologia (UnB), professor da Universidade Estadual de Goiás.
É autor do livro *A Concepção Materialista da História do Cinema* e *A Esfera Artística: Marx, Weber, Bourdieu e a sociologia da arte*

Copyright © Zouk Editora